



CONTRIBUIÇÕES DA PEDAGOGIA FREIREANA NA FORMAÇÃO DE ADMINISTRADORES EMPREENDEDORES

CONTRIBUTIONS OF FREIRE'S PEDAGOGY IN THE TRAINING OF ENTREPRENEURS ADMINISTRATORS

Recebido em 04.03.2014. Aprovado em 20.03.2014

Avaliado pelo sistema *double blind review*

DOI: <http://dx.doi.org/10.12712/rpca.v8i1.403>

Rosivaldo de Lima Lucena

rosivaldolucena@gmail.com

Universidade Federal da Paraíba (UFPB) - João Pessoa - PB- Brasil

Wanusa Campos Centurión

wanusa@infonet.com.br

Universidade Federal da Bahia (UFBA) - Salvador - BA- Brasil

José de Arimatéia Dias Valadão

arimateiavaladao@hotmail.com

Universidade Federal de Pernambuco - Recife - PE - Brasil

Resumo

O objetivo deste ensaio foi analisar como a Pedagogia Freireana contribui para o desenvolvimento de profissionais empreendedores na área de Administração. A fundamentação teórica foi baseada em questões relacionadas à Pedagogia Freireana, ao empreendedorismo, à educação empreendedora e ao ensino nos cursos de Administração. Uma comparação da educação empreendedora com a pedagogia de Paulo Freire foi feita com o intuito de identificar os aspectos convergentes e possibilidades de contribuição dessa pedagogia para o desenvolvimento de profissionais empreendedores nas Instituições de Ensino Superior (IES), mais especificamente do curso de Administração. Foi identificado que a educação empreendedora enfatiza comportamentos e atitudes, envolvendo o desenvolvimento de potencialidades fundamentais em um âmbito maior que o fazer empresarial e o saber técnico-científico, buscando na auto-realização a valorização do ser e da coletividade, fatores que convergem diretamente com a pedagogia proposta por Paulo Freire.

Palavras-chave: Empreendedorismo. Paulo Freire. Ensino. Administração.

Abstract

The purpose of this essay is to analyze how the Freirean Pedagogy contributes to the development of entrepreneurial professionals in the field of Management. The theoretical foundation is based on issues of Freirean Pedagogy, entrepreneurship, entrepreneurship education and teaching courses in Management. A comparison of entrepreneurship education with the pedagogy of Paulo Freire was taken in order to identify the converging aspects and possible contribution of this pedagogy for developing entrepreneurial professionals in Higher Education Institutions (HEI), more specifically the Administration course. Was identified that entrepreneurial education emphasizes behaviors and attitudes, involving the development of key capabilities in a larger context that the business making technical and scientific knowledge, seeking self-realization and appreciation of the being of the community, factors that converge directly with pedagogy proposed by Paulo Freire.

Keywords: Entrepreneurship. Paulo Freire. Teaching. Administration.

Introdução

Na atual conjuntura econômica, social e política do Brasil, o empreendedorismo tem sido visto como um meio de desenvolvimento socioeconômico e com isso vem crescendo a preocupação com a formação e desenvolvimento de profissionais empreendedores. Apesar de existirem diversos estudos enfatizando a preocupação com o ensino do empreendedorismo, poucos têm explorado o processo de aprendizagem dos empreendedores. Compreender como os alunos aprendem é fundamental para que se possam propor melhores metodologias de ensino e capacitação.

O fenômeno empreendedorismo, atualmente, tem sido bastante difundido tanto no meio corporativo como no acadêmico, direcionando as ações de algumas Instituições de Ensino Superior (IES) que tradicionalmente se preocupam em capacitar seus alunos para o mercado de trabalho (MARTENS; FREITAS, 2006; CUNHA; SOARES; FONTANILLAS, 2009; GIAROLA *et al.*, 2013; ECKERT *et al.*, 2013). Vale ressaltar que o pouco envolvimento dos professores em iniciativas empreendedoras, bem como o pouco investimento em qualificação dos docentes e a pequena quantidade de IES discutindo sobre a questão empreendedora no Brasil são alguns dos exemplos de falhas que dificultam o processo de educação empreendedora (LOPES, 2006). Gaio (2008) reforça que os modelos tradicionais de ensino não enfocam o desenvolvimento de uma educação empreendedora, apresentando-se insuficientes, agravando-se ainda mais com o surgimento de cursos superiores a distância. As IES devem revisar seus currículos, bem como os docentes devem participar das transformações curriculares dando ênfase ao empreendedorismo (GAIO, 2008; LOPES, 2006).

Mesmo diante desse cenário é importante destacar que o empreendedorismo no Brasil está crescendo. De acordo com informações obtidas pelo relatório do *Global Entrepreneurship Monitor* (GEM), publicado em 2009, o Brasil é o sexto país mais empreendedor do mundo, com taxa de 15,3%, o que equivale a 18,8 milhões de pessoas quando se refere aos países com nível comparável de desenvolvimento econômico. Outro fato importante diz respeito à quantidade de pessoas que abrem um novo negócio por oportunidade (opção pelo encarecimento), fato que superou aqueles que o fazem por necessidade (falta de trabalho ou ofertas não satisfatórias), ou seja, para cada brasileiro que empreende para sobreviver, há agora dois empreendedores que abrem seu negócio por opção. Esse indicador mostra um empreendedorismo de melhor qualidade. É importante ressaltar que tais tipos de empreendedorismo, quando possuem êxito, elevam a oferta de emprego. Em nível macro, o Brasil é o 14º (décimo quarto) país mais empreendedor do mundo, entre os 54 (cinquenta e quatro) países pesquisados (GEM, 2009).

Contrapondo esse crescimento do empreendedorismo no Brasil, muitas organizações que são abertas não conseguem sobreviver ao primeiro ano de existência, principalmente devido à falta de qualificação dos indivíduos para empreender um novo negócio. Em outros termos, apesar de existirem várias pessoas com espírito empreendedor, é perceptível que vários negócios não conseguem sobreviver, reforçando a questão da educação para o empreendedorismo brasileiro (AZEVEDO, 2004).

Neste contexto, o presente ensaio tenciona propor as contribuições da Pedagogia Freireana ao processo de formação de profissionais empreendedores. Estes são aqui entendidos não apenas como aqueles indivíduos que abrem o próprio negócio, seja por necessidade, seja por opção, como já frisado anteriormente. Foi adotada uma perspectiva mais ampla para os empreendedores, em sintonia com Zen e Fracasso (2008), para quem existem quatro tipos de empreendedores: o individual, o intra-empendedor, o coletivo e o social.

Ante tal recorte metodológico, optou-se por apresentar alguns aspectos da Pedagogia Freireana como elementos balizadores de uma formação, tanto técnica quanto crítico-social, para profissionais de Administração que necessitam de competência técnica e de responsabilidade social para liderarem as mudanças que se fazem necessárias ao contexto das organizações, sejam elas do Primeiro Setor (entidades públicas ou estatais), do Segundo Setor (entidades privadas ou particulares) ou Terceiro Setor (Organizações Não Governamentais, Fundações, Instituições Filantrópicas, dentre outras) da Economia Brasileira.

Em vista do exposto, o elemento desencadeador do presente ensaio diz respeito à seguinte pergunta norteadora: **Quais as contribuições da Pedagogia Freireana ao desenvolvimento de profissionais empreendedores na área de Administração?**

Por que Paulo Freire?

Paulo Freire nasceu em 1921, em uma região muito pobre economicamente, na periferia do Recife, no Estado de Pernambuco. Araújo Freire (1996, p. 28), esposa do seu segundo casamento, conta que ele aprendeu a escrever usando gravetos de mangueiras, “no quintal da sua casa onde nasceu, na Estrada do Encanamento, 724, no bairro da Casa Amarela, como ele mesmo gostava de lembrar e de dizer”. Essa realidade fez com que ele convivesse diariamente com o sofrimento de sua pobreza econômica, e de todos aqueles de que gostava, como sua família e amigos da localidade.

Foi em meio às dificuldades e uma paixão desmedida pelo conhecimento que Paulo Freire ingressou na tradicional Escola Superior de Direito do Recife. Seu gosto pela educação, oriundo basicamente da sua família e das professoras do primário, acentuou-se com seu casamento com a Professora Elza, com quem aprendeu profundamente, além da arte de ensinar, principalmente, a arte da amar.

Além de trabalhar inicialmente no Serviço Social da Indústria (SESI) e no Serviço de Extensão Cultural da Universidade de Recife, Gadotti (1996) diz que ele foi quase tudo o que deve ser como educador, de professor de escola a criador de ideias e métodos, o que posteriormente veio a ser conhecido como “O Método Paulo Freire”. Suas ideias educacionais se consolidaram, principalmente, a partir de sua prática docente em História e Filosofia na Universidade de Recife e de suas primeiras experiências em alfabetização de adultos nas regiões áridas e pobres do Nordeste brasileiro. Sua prática pedagógica, filosofia e toda a teoria do conhecimento que desenvolveu sempre estiveram baseadas nesse contexto real da vida nordestina (GADOTTI, 1996).

Como seu trabalho foi pautado em uma educação transformadora, em que educar consistia, essencialmente, em capacitar as pessoas tanto para o ato da leitura e da escrita como para sua libertação, foi acusado de “subverter a ordem instituída” (GADOTTI, 1996), sendo preso e exilado pelo Golpe Militar de 1964. Nessa época Paulo Freire já era Doutor em Filosofia e História da Educação e vários de seus projetos de educação de adultos já haviam ganho notoriedade internacional, tanto pelo volume como pela eficácia da aprendizagem. Com o exílio, ele peregrinou, primeiro pela Bolívia, depois Chile e muitas outras partes do mundo, seja como professor de notáveis universidades mundiais, seja como coordenador de processos de aplicação de seu método em regiões carentes nos países por onde passou, cada vez mais foi se consolidando tanto seu pensamento político como sua prática (método) pedagógica.

Em sua prática educativa,

Enquanto muitos representantes da sociedade política hegemônica da época pensavam e tentavam equacionar soluções para o desenvolvimento econômico,

alguns da sociedade civil se indignavam com a pobreza, as injustiças sociais e o generalizado analfabetismo de nosso povo. Freire foi um destes e assim foi se tornando, desde aquele período, o pedagogo da indignação. Sua pedagogia continha a percepção clara da cotidianidade discriminatória da nossa sociedade até então preponderantemente patriarcal e elitista. Apontava soluções de superação das condições vigentes, avançadas para a época, dentro de uma concepção mais ampla e mais progressista: a da educação como ato político. Tudo isso era novo no Brasil que ainda reproduzia, impiedosa e secularmente, a interdição dos corpos dos desvalorizados socialmente, que, assim, viviam proibidos de ser, ter, saber e poder (ARAÚJO FREIRE, 1996, p. 36).

Autores como Rubio (1997), Gadotti (2000), Lovison e Câmara (2008), Demo (2010) e Ferrari (2010) destacam a relevância e a notoriedade da obra do educador brasileiro Paulo Freire, principalmente por denunciar as injustiças sociais e anunciar uma educação libertadora. Para isso, ensinou e escreveu incansavelmente. Conforme Gadotti (2000, p. 1), “[...] a obra de Paulo Freire tem sido reconhecida mundialmente não apenas como uma resposta a problemas brasileiros do passado ou do presente, mas como uma contribuição original e destacada da América Latina ao pensamento pedagógico universal”.

Por seu turno, Rubio (1997) pontua que,

A obra de Paulo Freire, traduzida há vários anos para quase 40 idiomas, postula transformações culturais sumamente importantes em função da liberdade dos povos oprimidos e, com suas propostas metódicas de redescobrimto e interpretação da realidade, contribui para reconhecer e iniciar o caminho para transformá-la.

Referindo-se a um levantamento feito pelo educador norte-americano Donaldo Macedo em 1987, Gadotti (1991, p. 12) destaca que o referido pesquisador levantou aproximadamente seis mil títulos, somente em língua inglesa, entre livros e artigos sobre Paulo Freire. Do mesmo modo, Ferrari (2010) destaca que Paulo Freire é considerado um dos pensadores mais notáveis na história da pedagogia mundial, tendo influenciado o movimento chamado Pedagogia Crítica. Assim como a sua obra foi pautada em uma pedagogia libertadora, sua própria vida foi fundada no testemunho e um ato profundamente educativo.

Talvez o livro Pedagogia do Oprimido seja sua obra de maior repercussão. Traduzida em dezenas de idiomas diferentes, têm servido de “fundamento teórico de trabalhos acadêmicos e inspirado práticas em diversas partes do mundo, desde os mocambos do Recife às comunidades barakumins do Japão, passando pelas mais consagradas instituições educacionais do Brasil e do exterior” (ARAÚJO FREIRE, 1996, p. 48-49).

Pedagogia Freireana

No âmbito da Pedagogia Freireana, há duas visões de educação que se contrapõem: a concepção bancária e a concepção problematizadora. Freire (2009b, p. 68) afirma que a concepção bancária está calcada nos seguintes pressupostos, ilustrados metaforicamente na Figura 1:

- a) O educador é o que educa; os educandos, os que são educados;
- b) O educador é o que sabe; os educandos, os que não sabem;
- c) O educador é o que pensa; os educandos, os pensados;

- d) O educador é o que diz a palavra; os educandos, os que a escutam docilmente;
- e) O educador é o que disciplina; os educandos, os disciplinados;
- f) O educador é o que opta e prescreve sua opção; os educandos os que seguem a prescrição;
- g) O educador é o que atua; os educandos, os que têm a ilusão de que atuam, na atuação do educador;
- h) O educador escolhe o conteúdo programático; os educandos, jamais ouvidos nesta escolha, se acomodam a ele;
- i) O educador identifica a autoridade do saber com sua autoridade funcional, que opõe antagonicamente à liberdade dos educandos; estes devem adaptar-se às determinações daquele;
- j) O educador, finalmente, é o sujeito do processo; os educandos, meros objetos.

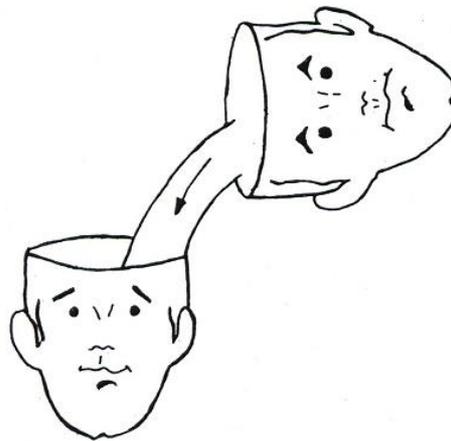


Figura 1 – Educação Bancária

Fonte: Bordenave e Pereira (1991, p. 10).

Em contraposição à concepção bancária (Figura 1), Freire (2009b, p. 78) propõe a concepção problematizadora (Figura 2). Para ele,

[...] educação libertadora, problematizadora, já não pode ser o ato de depositar, ou de narrar, ou de transferir, ou de transmitir ‘conhecimentos’ e valores aos educandos, meros pacientes, à maneira da educação ‘bancária’, mas um ato cognoscente. Como situação gnoseológica, em que o objeto cognoscível, em lugar de ser o término do ato cognoscente de um sujeito, é o mediatizador de sujeitos cognoscentes, educador, de um lado, educandos, de outro, a educação problematizadora coloca, desde logo, a exigência da superação da contradição educador-educandos. Sem esta, não é possível a relação dialógica, indispensável à cognoscibilidade dos sujeitos cognoscentes, em torno do mesmo objeto cognoscível.

CONTRIBUIÇÕES DA PEDAGOGIA FREIREANA NA FORMAÇÃO DE ADMINISTRADORES EMPREENDEDORES



Figura 2 – Educação Problematizadora

Fonte: Bordenave e Pereira (1991, p. 10).

Gadotti (2000, p. 2) crê que a validade universal da teoria e da práxis de Paulo Freire está ligada sobretudo a quatro intuições originais:

1ª - Ênfase nas **condições gnosiológicas da prática educativa**. Toda obra de Paulo

Freire está permeada pela idéia de que educar é conhecer, é ler o mundo, para poder transformá-lo;

2ª - Defesa da **educação como ato dialógico** e, ao mesmo tempo, rigoroso, intuitivo,

imaginativo, afetivo. Paulo destaca a necessidade de uma razão dialógica comunicativa. A teoria do conhecimento de Paulo Freire reconhece que o ato de conhecer e de pensar estão diretamente ligados à relação com o outro. O conhecimento precisa de expressão e de comunicação. Não é um ato solitário. Além de ser um ato histórico, gnosiológico e lógico ele contém um quarto elemento que é a sua dimensão dialógica;

3ª - A noção de **ciência aberta às necessidades populares** ligada, portanto, ao trabalho, ao emprego, à pobreza, à fome, à doença, etc. Seu método, por isso, não parte de categorias abstratas, mas dessas necessidades das pessoas, capturadas nas suas próprias expressões (valor da oralidade) e analisadas por ambos, educador e educando;

4ª - O **planejamento comunitário, participativo**, a gestão democrática, a pesquisa

participante. Sob influência do pensamento de Paulo Freire hoje no Brasil estão se realizando muitas experiências educacionais de enorme impacto, relacionadas com a chamada “Constituinte Escolar”, que utiliza os princípios metodológicos freireanos e com o emblemático “Orçamento Participativo” no quadro do movimento pela Escola Cidadã, outra expressão também utilizada por ele nos últimos anos.

Adicionalmente, Gadotti (2000, p. 3) defende que a abordagem freireana de Educação pode ser melhor entendida, em termos de operacionalização didática, se compreender os quatro passos

do que se convencionou chamar Método Paulo Freire. Esses passos são:

1º - **Ler o mundo.** Paulo Freire insistiu a vida toda nesse conceito chave do seu pensamento. O primeiro passo do seu método de apropriação do conhecimento é a leitura do mundo. Aqui deve-se destacar a curiosidade como pré-condição do conhecimento (interesse, para Habermas). É o aprendiz que conhece. Palavras geradoras, temas geradores, complexos temáticos, codificação, decodificação. No seu último livro Paulo Freire insistia ainda na autonomia do aluno. Dos seus primeiros aos últimos escritos procurou dar dignidade ao aprendiz, respeitando a identidade do aluno. Ele não humilhava ninguém, não considerava o educador superior ao educando. Para ele jamais um educador poderia ser arrogante. Nada menos freireano do que um educador arrogante, prepotente. Ele tinha raiva de intelectuais arrogantes, sobretudo de esquerda. Dizia que fazia parte da lógica da direita o intelectual ser arrogante, mas na esquerda era uma deformação;

2º - **Compartilhar a leitura do mundo lido.** Não posso saber se minha leitura de mundo está correta a não ser que a compare com a leitura do mundo de outras pessoas. O diálogo não é apenas uma estratégia pedagógica. É um critério de verdade. A veracidade do meu ponto de vista, do meu olhar, depende do olhar do outro, da comunicação, da intercomunicação. Só o olhar do outro pode dar veracidade ao meu olhar. O diálogo com o outro não exclui o conflito. A verdade não nasce da conformação do meu olhar com o olhar do outro. Nasce do diálogo-conflito com o olhar do outro. O confronto de olhares é necessário para se chegar à verdade comum. Caso contrário a verdade a que se chega é ingênua, não crítica e criticizada. O outro sempre está presente na busca da verdade. Esse segundo passo leva à solidariedade. O meu conhecimento só é válido quando eu o compartilho com alguém. Novamente a comparação como pensamento de Habermas, que Paulo Freire tanto admirava: a ação comunicativa é parte da busca do conhecimento. Não é um ato generoso de compreensão humana do outro. É uma necessidade ontológica e epistemológica;

3º - **A Educação como ato de produção e de reconstrução do saber.** Conhecer não é acumular conhecimentos, informações ou dados. Conhecer implica mudança de atitudes, saber pensar e não apenas assimilar conteúdos escolares do saber chamado universal. Conhecer é estabelecer relações, dizia Piaget e Paulo Freire completava: saber é criar vínculos. O conteúdo torna-se forma. Paulo Freire foi combatido pelos conteudistas iluministas porque eles não chegaram a entender que, em educação, a forma é o conteúdo. Saber em educação é mudar de forma, criar a forma, formar-se. Educar-se é formar-se. Só muito recentemente os pedagogistas conseguiram entender essa nova visão da educação quando discutiram a educação do futuro, como no Relatório Jacques Delors da UNESCO (1998) onde ela está associada a quatro grandes pilares: aprender a aprender, aprender a fazer, aprender a viver juntos, aprender a ser. Pela primeira vez perceberam os especialistas em educação que educar é criar vínculos e não decorar conteúdos. Paulo Freire antecipou-se pelo menos 50 anos com o seu "Círculo de Cultura", criando uma metodologia prática que oferece as bases para a construção desses pilares e rompendo com a noção clássica de "aula";

4º - **A Educação como prática da liberdade (libertação).** Até aqui creio que o construtivismo de Piaget também iria. Mas o construtivismo crítico de Paulo Freire foi além, afirmando a politicidade do conhecimento. É o momento da problematização, da existência pessoal e da sociedade, do futuro (utopia). Educação não é só ciência: é arte e práxis, ação e reflexão, conscientização e

projeto. Como projeto a educação precisa reinstalar a esperança. Nada mais atual do que esse pensamento, numa época em que muitos educadores vivem alimentados mais pelo desencanto do que de esperança.

Embora a obra de Paulo Freire seja extensa e multifacetada, o Método de Paulo Freire, pela profundidade de cada passo, é relevante para analisar as contribuições da Pedagogia Freireana para a formação de profissionais empreendedores na área de Administração.

Empreendedorismo e a Educação Empreendedora

É perceptível que existe uma grande variedade de conceitos sobre empreendedorismo e pouca convergência entre eles, uma verdadeira polissemia conceitual. Contudo, tais conceitos não são excludentes entre si (LUMPKIN; DESS, 1996; PAIVA JÚNIOR, 2004; JULIEN, 2010). Neste sentido, Guimarães, Senhoras e Takeuchi (2003) já relatavam que essa pouca convergência de conceitos se dá pela própria evolução do fenômeno empreendedorismo, bem como pelas concepções errôneas da mídia e senso comum que acabam distorcendo tais conceitos. Zen e Fracasso (2008) dizem que o termo empreendedor tem várias facetas e é dinâmico, sendo influenciado por revoluções de cunho social e tecnológico. Estas autoras (2008) destacam que existem quatro tipos de empreendedores: individual, intra-empendedor, coletivo e social, ressaltando que eles, apesar de terem motivações e desafios divergentes, convergem na busca pela construção de um novo empreendedorismo, cuja essência é a inovação, seja técnica, seja social.

Dornelas (2001, p. 27) afirma que “a palavra empreendedor (*entrepreneur*) é de origem francesa e quer dizer aquele que assume riscos e começa algo novo”, de onde emerge a relação entre o empreendedorismo e a inovação, proposição calcada em Schumpeter (1982). Porém, existem autores que dão ao empreendedorismo uma abordagem diferente de Schumpeter, a exemplo de Kirzner (1973), relatando que o empreendedor é uma figura equilibradora do sistema econômico, mesmo em situações de turbulência. Dornelas (2001) afirma que tanto Schumpeter como Kirner concordam em dizer que o empreendedor é um grande identificador de oportunidades, curioso e atento a informações, ciente que suas chances melhoram à medida que o seu conhecimento aumenta.

De modo geral, para se falar em empreendedorismo é preciso ter uma visão ampla, uma vez que o tema é complexo e compreendê-lo significa considerar diferentes tipos de indivíduos, formas de organização, diversos ambientes socioeconômicos e diversas épocas. Nesse caso, o empreendedorismo é discutido de acordo com quatro abordagens: antropológica e psicológica, “[...] o empreendedor é o coração da criação e do desenvolvimento de uma empresa”; sociológica, “[...] o empreendedor é visto como o criador de uma organização que se relaciona com outras organizações na sociedade”; geográfica, “[...] permite diferenciar as regiões de acordo com sua capacidade de manter empresas e de sustentar a criação ou abertura de novas empresas” e por fim a abordagem econômica, que situa o empreendedorismo na conjuntura econômica, onde somente nesse ambiente, o empreendedorismo pode se desenvolver (JULIEN, 2010, p. 22-25).

Paiva Júnior (2004) faz uma crítica à concepção tradicional da ideologia do empreendedorismo por ela se basear numa visão romântica de um indivíduo que possui qualidades e habilidades excepcionais, destacando-se no crescimento econômico, ignorando, assim, a influência histórica, econômica e sócio-cultural no desenvolvimento socioeconômico. Corroborando com essa mesma linha de pensamento, Siqueira e Guimarães (2007) ressaltam que o empreendedorismo não pode ser estudado somente sob o prisma da economia clássica, enfatizando a racionalidade

econômica e vendo o empreendedor como ator atomizado e individualista. No contexto pós-moderno, o empreendedor é visto como um agente que cria e forja redes, capaz de estabelecer pontes, gerar conexões e selecionar oportunidades que geram desequilíbrio no ambiente econômico, onde tal processo leva à incessante criação, alteração e destruição de redes e conexões, vinculando e alterando o valor dos recursos produtivos (VALE; WILKINSON; AMÂNCIO, 2008). Porém, é importante destacar que tal fato não impediu o surgimento de programas para o desenvolvimento de empreendedores (SIQUEIRA; GUIMARÃES, 2007). Dornelas (2001) já reforçava que várias escolas e IES estão introduzindo em seus currículos o tema empreendedorismo, defendendo, ainda, que qualquer pessoa pode aprender sobre como se transformar num empreendedor de sucesso.

A partir da qualificação de ex-combatentes da Segunda Guerra Mundial para o mercado de trabalho e geração de emprego, na Universidade de Harvard, surgiu nos Estados Unidos da América a preocupação com a formação de empreendedores nas instituições de ensino (GUIMARÃES, 2002 *apud* CUNHA; STEINER NETO, 2005). Já no Brasil, surgiu tal preocupação a partir da crise dos empregos dos anos de 1980, época em que alguns pesquisadores identificaram a necessidade de formar um profissional que fosse capaz tanto de gerir sua área específica de atuação, como gerar seu próprio trabalho, visando transformar ideias concebidas da academia em produtos e serviços e para tal implementação se faz necessário ter capacidade empreendedora (CUNHA; STEINER NETO, 2005).

É relevante, ao falar em educação, ensino ou formação de pessoas, abordar sempre a questão da aprendizagem, uma vez que é o processo de aprendizagem que dá origem às diferentes metodologias de ensino (MORAES; HOELTGEBAUM, 2003). Constata-se que a aprendizagem é significativa quando o aluno percebe que o assunto que está estudando se relaciona com os seus próprios objetivos, podendo ser aplicada para elevação de si mesmo, bem como por meio dos atos, por meio da resolução de problemas e experimentação prática (ROGERS, 1978). Filion (1998) complementa que, para formar um empreendedor, o uso de casos como metodologia de ensino não é muito apropriado nos primeiros estágios do ensino do empreendedorismo e sim nos estágios mais avançados. Dessa forma, de acordo com Bizzotto e Dalfovo (2001), para o ensino do empreendedorismo é essencial a utilização de uma abordagem vivencial.

Atualmente o papel do professor está em transição de um professor autoritário, detentor de poder para um facilitador do processo educacional, elaborando novas técnicas de ensino e formas de interação com os alunos (AZEVEDO, 2004). Para este autor, o desafio maior para o ensino do empreendedorismo no Brasil encontra-se na elaboração e implementação de ações que unam a educação acadêmica com a dinâmica empresarial. Flores (2007) complementa que a inserção de procedimentos pedagógicos estimulando as competências empreendedoras está aproximando cada vez mais a academia da realidade de mercado, formando pessoas com autonomia e criatividade. Com isso, atendendo tanto as necessidades de quem quer abrir seu próprio negócio como aqueles que querem trabalhar em organizações.

O termo empreendedorismo é visto por muitos autores como abertura de novos negócios, capacidade de gerir organizações, aproveitar oportunidades. Tal visão leva muitos educadores a resistirem a incluírem o empreendedorismo nos currículos acadêmicos, porém, a palavra empreendedorismo vai além dessa ideia, a atitude empreendedora envolve o desenvolvimento de potencialidades fundamentais em um âmbito maior que o saber técnico científico, buscando na auto-realização a valorização do ser e da coletividade (LIBERATO, 2007; LETTIERI, 2010).

A atitude empreendedora pressupõe, sobretudo, a realização do indivíduo por meio de atitudes de inquietação, ousadia e proatividade na sua relação com o mundo, onde tal comportamento

CONTRIBUIÇÕES DA PEDAGOGIA FREIREANA NA FORMAÇÃO DE ADMINISTRADORES EMPREENDEDORES

favorece sua criatividade, a capacidade de inovação, de realização, de identificar e solucionar problemas por meio de decisões mais reflexivas (LIBERATO, 2007).

Lettieri (2010) relata que outro aspecto que leva à resistência de muitos educadores é a questão do empreender envolver riscos. Esse aspecto, juntamente com a inovação, fazem parte da essência do empreendedorismo e sem eles não existe a prática empreendedora. Por outro lado, são aspectos fundamentais para a sobrevivência de uma instituição de ensino, tanto no aspecto operacional quanto na própria expectativa dos alunos e seus familiares que optam pela instituição. Lettieri (2010, p.1) ainda destaca que

a prática empreendedora está intimamente ligada à procura por novos desafios, ao comprometimento com as próprias escolhas, a uma constante busca de qualidade e à inerente vontade de inovar, de fazer coisas que ninguém faz, de ser autêntico, de ir além. Quando o educador assume essa postura com a sua própria vida e na sua ação profissional, passa a servir de modelo para seus alunos. Além disso, quando demonstra seu prazer em conviver com jovens criativos, inovadores, que buscam desafios e que desejam criar seus próprios futuros, torna-se um agente que instiga e fomenta a postura empreendedora. Sem dúvida isso exige abertura e disposição.

Em sintonia com a visão de Lettieri (2010), Rabelo e Santos (2008, p.5) dizem que a “educação empreendedora instiga no aluno a sua autonomia e ao conhecimento da realidade”, ressaltando que a instituição de ensino “[...] torna-se portadora de uma prática de dialogicidade do ato educativo, pois a base da pedagogia é o diálogo que possibilita uma interação democrática entre os sujeitos envolvidos na condução de um aprendizado.” Com isso a instituição poderá mais rapidamente inserir seus alunos no mercado de trabalho.

Ensinar a empreender exige atitude, ou seja, exige, entre outras práticas,

[...] estimular o desejo dos alunos de sonhar e de construir um projeto de vida; ensinar o aluno a se comprometer com seus resultados, com a sua vida e com o seu papel social; determinar limites e estabelecer regras para que o jovem aprenda a lidar com frustrações e a conviver com suas angústias; permitir que o jovem aprenda com os erros e, principalmente, que ele aprenda a se permitir errar; estimular o gosto pelos desafios, aprendendo a calcular os riscos; ajudar o jovem a se conhecer, reconhecendo suas forças e aprendendo a lidar com suas fraquezas; estimular a criatividade e o gosto pela inovação; ajudar o jovem a fazer uma leitura crítica do mundo, propondo ações práticas e concretas para alterar a realidade; trabalhar na construção de uma juventude com idéias, ideais e ideologias (LETTIERI, 2010, p. 2).

Nesse mesmo sentido, discorrendo sobre o papel da escola nos dias de hoje, Morin (2000) faz as seguintes considerações,

O papel da escola passa pela porta do conhecimento. É ajudar o ser que está em formação a viver, a encarar a vida. Eu acho que o papel da escola é nos ensinar quem somos nós; nos situar como seres humanos; nos situar na condição humana diante do mundo, diante da vida; nos situar na sociedade; é fazer conhecermos a nós mesmos. E eu acho que a literatura tem o seu papel. O papel da educação é de nos ensinar a enfrentar a incerteza da vida; é de nos ensinar o que é o conhecimento, porque nos passam o conhecimento mas jamais dizem o que é o conhecimento. E o conhecimento pode nos induzir ao erro. Todo conhecimento do passado, para nós, são as ilusões. Logo, é preciso saber estudar o problema do conhecimento. Em outras palavras, o papel da educação é de

instruir o espírito a viver e a enfrentar as dificuldades do mundo.

A Pedagogia Freireana e o Desenvolvimento de Profissionais Empreendedores na Área de Administração

Autores como Covre (1991), Nicolini (2003) e Paula e Rodrigues (2006) enfatizam o caráter ainda conservador e reprodutivista do ensino de Administração no Brasil.

Covre (1991) pontua que, no início da década de 1990, o processo de formação dos administradores no Brasil preparava-os preponderantemente para serem 'prepostos do capital'. Em outras palavras, a mentalidade reinante, à época, era a de que o graduado em Administração teria como atividade principal gerir as empresas privadas em conformidade com a ideologia e os valores dos donos/acionistas das empresas privadas.

Outro aspecto importante a destacar neste período, conforme Nicolini (2003), diz respeito à característica do ensino de graduação em Administração no Brasil ter recebido influência marcante da transferência de tecnologia de gestão, principalmente norte-americana, e posteriormente, pela desvinculação das atividades de ensino e pesquisa. Segundo Nicolini (2003, p. 44), "estruturadas a partir do ideário da 'gerência científica', as escolas podem ser comparadas a fábricas, e os bacharéis em Administração, a produtos".

Adicionalmente, Paula e Rodrigues (2006, p. 3), tomando como referência Whitley (1984), fazem considerações sobre as especificidades dos estudos de gestão em relação a outros campos do saber. Mostram que

[...] o fato de o conhecimento ser produzido tanto na academia quanto nas organizações contribui para uma alta fragmentação dos estudos, um baixo grau de coordenação de procedimentos e estratégias de pesquisa e um alto grau de incerteza no que se refere à reprodutibilidade dos resultados. Assim, a fragmentação e abertura do campo dificultam o estabelecimento de pesquisadores com reputação sólida, que invariavelmente competem com produtores de conhecimento não acadêmicos, como executivos, consultores e gurus de gestão.

É nesse sentido que esse ensaio defende que, considerando, conforme Zen e Fracasso (2008), os quatro tipos de empreendedores: o individual, o intra-empendedor, o coletivo e o social que deve-se adotar no processo de formação de bacharéis em Administração, um eixo empreendedor, calcado na Pedagogia Freireana.

O referido eixo empreendedor deve dar ênfase não apenas à formação de empreendedores individuais, ou seja, aqueles que tencionam abrir o 'seu próprio negócio' como escolha profissional, mas também aqueles que querem ser: **intra-empendedores**, atuando como profissionais inovadores, pró-ativos e em busca de novas oportunidades – para si mesmos e para as organizações em que trabalham – dentro do ambiente em que atuam; **empendedores coletivos**, aptos a exercerem atividades profissionais no contexto, por exemplo, do Cooperativismo; e, por fim, **empendedores sociais**, com capacidade técnica e sensibilidade para ajudar a resolver os complexos problemas da sociedade brasileira, no sentido lato da expressão (ZEN; FRACASSO, 2008).

Outro ponto importante a destacar diz respeito ao fato de que se deve dar ênfase, no processo de formação dos bacharéis em Administração, a preparação destes profissionais para inserção no **Primeiro Setor da Economia** – nas entidades públicas ou estatais; no **Segundo Setor da Economia** – nas entidades particulares ou privadas; no **Terceiro Setor da Economia** – nas

CONTRIBUIÇÕES DA PEDAGOGIA FREIREANA NA FORMAÇÃO DE ADMINISTRADORES EMPREENDEDORES

entidades como Organizações Não Governamentais, Fundações, Instituições Filantrópicas, dentre outras.

Ao propor uma concepção problematizadora no âmbito educacional, em contraposição à concepção bancária, a abordagem de Paulo Freire oferece fundamentos filosóficos, epistemológicos e instrumentais para a adoção de uma prática pedagógica que estimule atividades educativas problematizadoras em Administração, tanto as **formais** (aulas, provas, seminários, visitas guiadas a empresas, monitorias, programas de iniciação científica, estágios supervisionados, etc.), quanto as **informais** (viagens, visitas pessoais a organizações, participação em projetos das empresas juniores, e outros), bem como estimule nos corpos docente e discente a possibilidade de uma educação reflexiva, crítica e em sintonia com a realidade da sociedade brasileira (no sentido mais amplo) e com a realidade circundante à IES onde o aluno estuda (de forma mais direta).

Com a adoção de um modelo voltado para o desenvolvimento de práticas empreendedoras, as IES substituirão o modelo de educação bancária, contestado fortemente por Paulo Freire, por uma educação direcionada à formação do indivíduo crítico, pensante e contestador de práticas autoritárias, estimulando o aluno a criar, a se arriscar e a aprender com os próprios erros. Nesse contexto, essas IES deverão estar preparadas para uma nova atitude de seus alunos, ou seja, elas deverão proporcionar espaços para o desenvolvimento de trabalhos criativos, principalmente em áreas de tecnologias; substituir gradativamente os métodos de avaliação que privilegiam o não errar por modelos que reforcem a capacidade criativa e inovadora, a inteligência emocional e as questões relacionais (LETTIERI, 2010).

Para Lettieri (2010), tanto a escolaridade como a informação são forças propulsoras da qualidade empreendedora e que implantar a educação empreendedora é exercitar a proposta freireana de educação, é trabalhar dentro dos pilares da educação propostos pela UNESCO, a saber, aprender a ser, aprender a conviver, aprender a fazer e aprender a aprender.

Um olhar empreendedor no cenário educacional dentro da visão freireana faz com que os atores do sistema educacional (alunos, professores e gestores) estejam motivados para a ação com reflexão. Neste sentido, Freire (1997) reforça que o aluno deve escrever sua história, sendo estimulado a pensar criticamente e a buscar a sua autonomia por meio do conhecimento da realidade.

Uma análise mais acurada dos princípios freireanos: **ler o mundo; compartilhar a leitura do mundo; educação como ato de produção e de reconstrução do saber; educação como prática da liberdade**, revela que há uma estreita ligação entre estes princípios e aquela corrente de estudos em Administração a que se chama hoje de **Estudos Críticos em Gestão**.

Considerações Finais

O propósito central desse ensaio foi responder a seguinte pergunta norteadora: **quais as contribuições da Pedagogia Freireana ao desenvolvimento de profissionais empreendedores na área de Administração?**

Após enfatizar que os empreendedores se enquadram em quatro categorias, a saber, individuais, intra-empreendedores, coletivos e sociais, foram apresentadas evidências de como o ensino de graduação da área de Administração ainda carece de uma ênfase numa dimensão que aqui foi denominada de **eixo empreendedor**, a partir do qual é relevante educar os profissionais dessa área com competências que os habilitem a atuar técnica e socialmente, de um ponto de vista

institucional, nos três setores da economia, conforme destacado ao longo deste texto.

Tomando como referência basilar alguns fundamentos conceituais da Pedagogia Freireana, foi realçado como o ideário pedagógico deste educador brasileiro pode ser útil para a renovação do processo de ensino-aprendizagem na área de Administração.

Particularmente, ousa-se dizer que existe uma imbricação entre a proposta pedagógica de Paulo Freire e os conceitos de empreendedor aqui apresentados, visto que acredita-se que os empreendedores, seja na iniciativa privada, seja no setor público, seja no setor social, têm como uma das suas marcas a preocupação central com a inovação em produtos, serviços, processos e sistemas. Ou seja, relembrando Schumpeter (1982), na condição de indivíduos responsáveis pela 'destruição criativa', os empreendedores, se dotados de um senso de coletividade e de reponsabilidade social, podem contribuir para a criação de oportunidades econômicas que contribuam para o desenvolvimento socioeconômico brasileiro.

Diante desse contexto, verifica-se que a educação empreendedora voltada para o desenvolvimento de potencialidades comportamentais converge com a Pedagogia de Paulo Freire, tendo em vista o caráter prático de sua proposta pedagógica (SEVERINO, 1997), por despertar nas pessoas a vontade de mudar o mundo de forma ética, por considerar o ser humano como um ser aberto e relacional (ROMÃO, 2003), por enfatizar que educadores e educadoras devem praticar o diálogo, uma vez que a linguagem é um instrumento de luta e libertação visando a uma maior conscientização, por considerar o sonho fator crucial para compreender a história como possibilidade, por Freire preconizar que "quem ensina aprende ao ensinar e quem aprende ensina ao aprender" (FREIRE, 1997, p. 25), entre outros aspectos. Conforme evidenciado ao longo deste ensaio, os princípios centrais da proposta freireana de educação transformadora possuem relação direta com a filosofia do empreendedorismo.

Referências

ARAÚJO FREIRE. A. M. A voz da esposa: a trajetória de Paulo Freire. In: GADOTTI, M. (Org.). **Paulo Freire: uma biobiografia**. São Paulo: Cortez, 1996. p. 27-68.

AZEVEDO, S. C. **Estratégias de ensino do empreendedorismo: uma contribuição voltada para a formação de administradores do curso de graduação**. Niterói, 2004. Dissertação (Mestrado) - Curso Sistema de Gestão da Universidade Federal Fluminense. Disponível em: http://biblioteca.universia.net/html_bura/ficha/params/id/10650716.html. Acesso em: 06 jul. 2010.

BIZZOTTO C. E. N.; DALFOVO O. Ensino de empreendedorismo: uma abordagem vivencial. II **EGEPE - Encontro de Estudos sobre Empreendedorismo e Gestão de Pequenas Empresas**, Anais, Londrina/PR, 2001, Tac Multimídia, 2001, 1 CD-ROM.

BORDENAVE, Juan D.; PEREIRA, Adair M. **Estratégias de ensino-aprendizagem**. 12. ed. Petrópolis: Vozes, 1991.

COVRE, Maria de Lourdes Manzini. **A formação e a ideologia do administrador de empresa**. 3. ed. São Paulo: Cortez, 1991.

CUNHA, R. A. N; STEINER NETO, P. J. **Desenvolvendo empreendedores: o desafio da universidade do século XXI**. Curitiba, out. 2005. Disponível em www.redetec.org.br/publicue/media/desenvolvendo%20empreendedores.pdf. Acesso em: 17 jul. 2010.

CONTRIBUIÇÕES DA PEDAGOGIA FREIREANA NA FORMAÇÃO DE ADMINISTRADORES EMPREENDEDORES

CUNHA, Robson M.; SOARES, Elisa L.; FONTANILLAS, Carlos N. As vantagens de aprendizado do empreendedorismo: um estudo desde o ensino de base até o superior. **Pensamento Contemporâneo em Administração**, v. 3, n. 3, set/dez, 2009. pp. 62-73. Disponível em <http://www.uff.br/pae/index.php/pca/article/view/60/61>. Acesso em 10 de janeiro de 2014.

DEMO, Pedro. **Conhecimento e aprendizagem: a atualidade de Paulo Freire**. 2010. Disponível em: <http://bibliotecavirtual.clacso.org.ar/ar/libros/torres/demo.pdf>. Acesso em: 10 jul. 2010.

DORNELAS, J. C. A. **Empreendedorismo: transformando idéias em negócios**. Rio de Janeiro: Campus, 2001.

ECKERT, A.; OLEA, P. M.; DORION, E. C. E.; MECCA, M. S.; ECKERT, M. G. O perfil empreendedor na graduação: um estudo comparativo entre ingressantes e concluintes. **Pensamento Contemporâneo em Administração**, v. 7, n. 2, abr/jun, 2013. pp. 61-76. Disponível em <http://www.uff.br/pae/index.php/pca/article/view/202/179>. Acesso em 10 de janeiro de 2014.

FERRARI, Márcio. **Paulo Freire: o mentor da educação para a consciência**. 2010. Disponível em <http://revistaescola.abril.com.br/historia/praticapedagogica/mentoreducacaoconsciencia423220.shtml>. Acesso em: 22 jul. 2010.

FILION, L. J. **Contingência e planejamento de caso: cada disciplina precisa de sua própria abordagem - o exemplo do ensino do gerenciamento e do empreendedorismo**. École des Hautes Études Commerciales de Montréal (HEC). Montréal, Québec, 1998.

FLORES, D. C. **O ensino do empreendedorismo nos cursos de pós-graduação em administração no Brasil**. Blumenau, 2007. Dissertação (Mestrado) - Programa de Pós Graduação em Administração da Universidade Regional de Blumenau.

FREIRE, P. **Pedagogia da autonomia: saberes necessários à prática educativa**. São Paulo, Paz e Terra, 1997.

_____. **Educação como prática da liberdade**. São Paulo: Paz e Terra, 2009a.

_____. **Pedagogia do oprimido**. São Paulo: Paz e Terra, 2009b.

GADOTTI, Moacir. **Convite à leitura de Paulo Freire**. 2. ed. São Paulo: Scipione, 1991.

_____. Saber aprender: um olhar sobre Paulo Freire e as perspectivas atuais da educação. **Congresso Internacional "Um olhar sobre Paulo Freire"**, Anais, Universidade de Évora (Portugal), 2000.

_____. A voz do biógrafo brasileiro: a prática à altura do sonho. In: GADOTTI, M. (Org.). **Paulo Freire: uma biobiografia**. São Paulo: Cortez, 1996. p. 69-116.

GAIO, B. E. **Competências empreendedoras e habilidades cognitivas em um curso superior na modalidade a distância, utilizando jogos de empresas: um estudo de caso**. mai 2008, Curitiba-PR Disponível em: http://www.abed.org.br/congresso2008/tc/59200_883108PM.pdf. Acesso em: 05 jul.2010.

GIAROLA, P. G.; FIATES, G. G. S.; DUTRA, A.; MARTINS, C.; LEITE, A. Empreendedorismo inovador gerado pelas universidades: mapeamento da produção científica. **Pensamento Contemporâneo em Administração**, v. 7, n. 2, abr/jun, 2013. pp. 41-60. Disponível em

<http://www.uff.br/pae/index.php/pca/article/view/171/180>. Acesso em 10 de janeiro de 2014.

GLOBAL ENTREPRENEURSHIP MONITOR. **Executive Report 2009**. Babson Park, USA:

GEM, 2009. Disponível em <http://www.gemconsortium.org/>. Acesso em: 25 de jun. 2010.

GUIMARÃES, L. O. Empreendedorismo no Currículo dos Cursos de Graduação e Pós- Graduação em Administração: Análise da Organização Didático-Pedagógica destas Disciplinas em Escolas de Negócios Norte-Americanas. **Encontro da ANPAD**, Anais, Salvador/BA, n. 26, 2002, CD ROM.

GUIMARAES, C. L.; [SENHORAS, E. M.](#) TAKEUCHI, K. P . Introdução ao estudo do empreendedorismo e a sua correlação com as pequenas e médias empresas. **Congresso Nacional de Empreendedorismo**. Anais, Florianópolis, n. 1, 2003.CD ROM.

JULIEN, P.A. **Empreendedorismo regional e a economia do conhecimento**. São Paulo: Saraiva, 2010.

KIRZNER, I. **Competition and Entrepreneurship**. Chicago: University of Chicago Press, 1973.

LETTIERI, F. Empreendedorismo na educação: modismo ou necessidade. **Revista Direcional Escolas**, 2010. Disponível em <http://www.sommaonline.com.br/blog/direcional-escolas>. Acesso em: 20 jul. 2010.

LIBERATO, A. C. T. Empreendedorismo na escola pública: despertando competências, promovendo a esperança! 2007. **SEBRAE/RN**. Disponível em http://www.oei.es/etp/empreendedorismo_escola_publica_teixeira.pdf. Acesso em: 13 jul. 2010.

LOPES, R. M. A. Reflexões para a educação empreendedora. **FGV Intent Conference**, 16 ed. jul. 2006. Fundação Getúlio Vargas. Disponível em <http://www.universia.com.br/carreira/materia.jsp?materia=11562>. Acesso em: 20 jul. 2010.

LOVISON, Aida Maria; CÂMARA, Guilherme Dornelas. Utopia & transformação social: contribuições da pedagogia crítica de Paulo Freire para os estudos organizacionais. **XXXII Encontro da ANPAD**, Anais, Rio de Janeiro, 2008.

LUMPKIN, G. T.; DESS, Gregory G. Clarifying the entrepreneurial orientation construct and linking it to performance. **The Academic of Management Review**, v. 21, n. 1, p. 135-172, January, 1996.

MARTENS, C. D. P; FREITAS, H. A influência do ensino de Empreendedorismo nas intenções de direcionamento profissional dos estudantes de curso superior: uma avaliação a partir da percepção dos alunos. In: XXIV Simpósio de Gestão da Inovação Tecnológica, 2006, Gramado - RS. **XXIV Simpósio de Gestão da Inovação Tecnológica**, Anais, Gramado/RS, 2006.

MORAES, Liege Viviane dos Santos; HOELTGEBAUM, Marianne. Um modelo para a análise do processo de aprendizagem de empreendedores. **Third International Conference Of The Iberoamerican Academy Of Management**, São Paulo, v.1, 2003. p.1-25.

MORIN, Edgar. A ciência, o Imaginário e a Educação. Entrevista ao Salto para o Futuro. **Entrevista**. Março de 2000. Traduzida por José Roberto Mendes. Disponível em http://www.redebrasil.tv.br/salto/entrevistas/edgar_morin.htm. Acesso em: 23 jul.2010.

NICOLINI, Alexandre. Qual será o futuro das fábricas de administradores? São Paulo, **Revista de**

CONTRIBUIÇÕES DA PEDAGOGIA FREIREANA NA FORMAÇÃO DE ADMINISTRADORES EMPREENDEDORES

Administração de Empresas, v. 43, n. 2, p. 44-54, abr./jun. 2003.

PAIVA JÚNIOR, F.G de. **O empreendedorismo na ação de empreender**: uma análise sob o enfoque da fenomenologia sociológica de Alfred Schütz. 2004. 381f. Tese (Doutorado em Administração) - Faculdade de Ciências Econômicas da Universidade Federal de Minas Gerais, Minas Gerais, 2004.

PAULA, Ana Paula Paes de; RODRIGUES, Marco Aurélio. Pedagogia crítica no ensino da Administração: desafios e possibilidades. São Paulo, **Revista de Administração de Empresas**, v. 46, EDIÇÃO ESPECIAL MINAS GERAIS, p. 10-22, 2006.

RABELO, J. N. ; SANTOS, A. R. Um Olhar na Educação Empreendedora: notas preliminares da experiência do Colégio Estadual Secretário de Estado Francisco Rosa dos Santos em Aracaju/SE. **XIX Congresso Latinoamericano y del Caribe sobre el Espíritu Empresarial**., Florianópolis-SC., 2008.

ROGERS, C. **Liberdade para aprender**. Belo Horizonte: Interlivros, 1978.

ROMÃO, J. E. Contextualização: Paulo Freire e o pacto populista. In: FREIRE, Paulo. **Educação e Atualidade Brasileira**. 3.ed. São Paulo: Cortez Instituto Paulo Freire, 2003.

RUBIO, Eduardo Medina. Freire: consciência e libertação (a pedagogia perigosa). São Paulo, **Revista da Faculdade de Educação**, v. 23, n. 1-2, jan./dec. 1997. Disponível em: Disponível em http://www.scielo.br/scielo.php?pid=S010225551997000100003&script=sciarttex&tlng=e_n. Acesso em: 10 jul. 2010.

SCHUMPETER, J. A. **A teoria do desenvolvimento econômico**: uma investigação sobre lucros, capital, crédito, juro e o ciclo econômico (Os Economistas). São Paulo: Abril Cultural, 1982.

SEVERINO, A. J. **A filosofia contemporânea no Brasil**: conhecimento, política e educação. Petrópolis: Vozes, 1997.

SIQUEIRA, M. M.; GUIMARÃES, L. de O. Novos desafios do empreendedorismo. **Revista Administração e Diálogo**, v. 9, n. 1, São Paulo, p. 144-156, 2007. Disponível em <http://revistas.pucsp.br/index.php/rad/article/download/1515/1018>. Acesso em: 10 jul.2010.

VALE, G; V.; WILKINSON, J.; AMÂNCIO, R. Empreendedorismo, inovação e redes: uma nova abordagem. **RAE-eletrônica**, v. 7, n. 1, art. 7, jan./jun. 2008. Disponível em <http://www.rae.com.br/electronica/index.cfm?FuseAction=Artigo&ID=4331&Secao=ARTIGOS&Volume=7&Numero=1&Ano=2008>. Acesso em 04 de mai de 2010.

ZEN, A. C.; FACASSO, E. M. Quem é o empreendedor? As implicações de três revoluções tecnológicas na construção do termo empreendedor. **Revista de Administração Mackenzie**, v.9, n.8, edição especial, São Paulo, p.152-161, nov/dez. 2008. Disponível em <http://www3.mackenzie.br/editora/index.php/RAM/article/view/213/213>. Acesso em 08 jul. 2010.

WHITLEY, R. The fragmented state of management studies: reasons and consequences. **Journal of Management Studies**, v. 21, n. 3, p. 331-348,1984.